



“CÁ ENTRE GERAÇÕES...”: CONCEPÇÕES DE HOMENS DA CLASSE MÉDIA ACERCA DA FAMÍLIA E SEUS MEMBROS

NEVES, Sinara Dantas

Estudante de doutorado do Programa de Família na Sociedade Contemporânea (UCSal)
sinarasinara@hotmail.com

SILVA, Maria Angélica Vitoriano da

Mestre pelo Programa de Família na Sociedade Contemporânea (UCSal)
marvitoriano@gmail.com

191

RESUMO

Este estudo é parte de um projeto maior intitulado “Concepções de jovens, adultos e idosos de Salvador sobre família e seus componentes”. Objetivou-se investigar possíveis alterações intergeracionais sofridas na representação dos papéis familiares na cidade de Salvador, Bahia. Trata-se de um estudo exploratório de natureza qualitativa no qual, foram entrevistadas, em separado, três gerações de uma mesma família: um jovem do sexo masculino, seu pai, e seu avô paterno. A análise foi realizada através da metodologia de estudo de caso. Os dados revelaram uma tendência das três gerações sustentarem suas concepções acerca dos papéis desempenhados na família baseados na formação recebida, nas experiências de vida e nos modelos com os quais conviveram, revelando as diversas aproximações na forma de viver e pensar a família.

Palavras-chave: Família. Intergeracionalidade. Homens.

ABSTRACT

This study is part of a larger project entitled "Conceptions of youth, adults and seniors Salvador on family and its components." This study aimed to investigate possible alterations suffered intergenerational family roles in representing the city of Salvador, Bahia. This is an exploratory qualitative study, which interviewed separately, three generations of the same family: a young male, his father, and his paternal grandmother. The analysis was conducted using the methodology of case study. The data revealed a trend of three generations support their conceptions of their role in the family based on training received in life experiences and models with which coexisted roles, revealing the various approaches in the way of living and thinking family.

Key-words: Family. Intergenerational. Men.



INTRODUÇÃO

O presente trabalho apresenta, analisa e discute os dados obtidos em entrevistas realizadas com componentes de três gerações do sexo masculino (avô, pai e filho), de uma família de classe média, sendo todos residentes na cidade de Salvador, estado da Bahia. As referidas entrevistas fazem parte de uma pesquisa que teve como objetivo, conhecer a concepção de jovens, adultos e idosos de Salvador, sobre família e seus componentes e foram realizadas pelos alunos da disciplina Contextos familiares, vínculos, identidade e pertencimento, do Programa de Pós-Graduação Família na Sociedade Contemporânea da UCSAL, sob orientação das professoras titulares da disciplina. Desta forma, representa uma visão parcial acerca dos resultados gerais obtidos, os quais foram coletados e analisados, tendo como foco a questão da transmissão de valores e as representações de mundo entre três gerações de uma família, considerando que as gerações são portadoras de história e de representações de mundo.

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

A família, considerada um sistema complexo de relações onde seus membros compartilham um mesmo contexto social de pertencimento, não permanece a mesma ao longo da sua existência, é um sistema em constante transformação, afetada que é, por fatores internos e externos à sua história e ciclo de vida, em interação com as mudanças sociais.

Por relações, entendemos vínculo, conexão de alguma ordem, entre duas ou mais pessoas, fato ou acontecimento e a família, conforme Petrini (2004), encontra-se em constante mudança por participar dos dinamismos próprios das relações sociais. É também este autor que, em frutíferas discussões em torno da temática família-sociedade-contemporaneidade e as mudanças que a família enquanto instituição vem atravessando, afirma que:

Na sociedade contemporânea, a família é considerada um valor, ideal que a maioria da população cultiva. [...]. Estão mudando o modo de entender e o modo de viver o amor e a sexualidade, a fecundidade e a procriação, o vínculo familiar, a paternidade e a maternidade, o relacionamento entre homem e mulher.” (PETRINI, 2012, p. 3)



Ao pensarmos a família como “valor” há que se considerar que aí se fazem presentes traços culturais e que os mesmos são transmitidos nas relações entre as diferentes gerações; espaço onde nos constituímos como sujeitos, como seres sociais. Neste sentido, as relações familiares podem ser compreendidas sob a perspectiva intergeracional, pressupondo, assim, a passagem de valores, bens e todo o legado que uma geração transmite à geração seguinte, incluindo a ideia de temporalidade.

A abordagem intergeracional contempla a convivência temporal entre duas ou mais pessoas que se encontram em diferentes estágios da vida, ou seja, os vínculos que se estabelecem entre indivíduos que se reconhecem nas suas singularidades, se modificam (nas e com) as experiências.

Como sujeitos e portadores de história, somos afetados pelas histórias e experiências daqueles que nos antecederam, assim como afetamos aqueles que nos sucederão. Desta forma, a família é *locus* privilegiado na construção das nossas subjetividades, de atualizar a história do indivíduo e da família. Por isso, não nos surpreende que embora mudanças venham ocorrendo nas concepções dos membros mais jovens acerca dos papéis desempenhados por aqueles que compõem as famílias, as mesmas apresentam traços que refletem a influência de gerações anteriores, o que nos leva a afirmar que estas mudanças são gradativas e processuais.

OBJETIVO

Esta pesquisa tem como objetivo conhecer a concepção de três gerações de homens de uma família de classe média, residente em Salvador, sobre família e seus componentes. “Considerando que as gerações são portadoras de história e de representações de mundo, torna-se relevante estudar a transmissão de valores e as transformações da vida familiar. Busca-se descrever o cotidiano, os relacionamentos e representações que cada geração faz, identificando as similaridades e diferenças com o passar do tempo” (BIASOLI-ALVES, 2006, p. 26).



METODOLOGIA

A análise da literatura, no que se refere às diferentes possibilidades de coleta de dados, e o confronto dela com os objetivos estabelecidos neste estudo permitiram a decisão por uma metodologia qualitativa e exploratória baseada em relato oral e entrevista estruturada. Neste sentido, considera-se pertinente a escolha do estudo de caso como método utilizado na presente pesquisa. De acordo com Yin (2010), trata-se de uma descrição intensiva, analítica e globalizante de um objeto, adequado quando pretendemos definir os tópicos de investigação de forma abrangente e quando queremos considerar a influência do contexto de ocorrência do fenômeno que está sendo estudado. A escolha é justificada pela intenção em obter dados a respeito dos significados compartilhados por três gerações do mesmo gênero de uma mesma família de classe média acerca de família e seus componentes, bem como identificar a influência destes elementos na transmissão intergeracional de valores.

O relato oral, caracterizado pela relação entre uma pessoa que pergunta e outra que, detentora da informação, responde à primeira, em comparação à observação e experimentação, é o meio mais rápido de se chegar às respostas para as questões desta pesquisa. Através das falas procura-se auferir a maneira como pensam, sentem, suas atitudes, crenças, expectativas e valores. Com isso, pode-se analisar além das descrições das ações, incorporando novas fontes para interpretação de resultados.

O método qualitativo, referenciado na etnografia, implica incursão em profundidade do investigador no grupo e campo da investigação, o que exige certa perseverança e flexibilidade metodológica, desde que se observem as condições de produção e o material espontâneo que emerge na dinâmica de interações. Cabe ao investigador ser o próprio instrumento ou mediador para obtenção das informações desejadas.

Este método considera que todo acontecimento a ser investigado se enquadra dentro de uma abordagem teórica, que inclui uma história, uma cultura dentro de uma dada realidade social. Por isso a importância de se estudar o caráter multidimensional dos fenômenos em sua manifestação natural, apreendendo os “significados” das falas, compreendendo as relações sociais entre os sujeitos e não apenas os fatos e as causas do comportamento, auxiliando a compreensão do indivíduo no seu contexto (BOGDAN & BIKLEN, 1994).



O método deve dialogar com o referencial teórico e, assim, constituir-se como ‘eixo de sustentação’ da pesquisa para que o pesquisador saiba os caminhos a percorrer, estando preparado para uma análise epistemológica durante o processo. Assim, tanto o método, como estratégia, e a técnica, enquanto instrumento, devem ser planejados conforme a sua pertinência, coerência e relevância quanto ao objeto e objetivos da pesquisa. Por isso, buscou-se a constante articulação entre a subjetividade do pesquisador e a intersubjetividade constitutiva do encontro entre pesquisador, informante e referencial teórico.

LOCAL E PARTICIPANTES

Participaram desta pesquisa três gerações de uma mesma família, do gênero masculino, escolhidos a partir da rede de relações de uma das autoras; seguindo os seguintes critérios de inclusão: residir em bairro de classe média de Salvador; geração mais jovem deveria ter idade entre 15 e 29 anos e o consentimento dos pais ou avós para que eles participassem da pesquisa; um dos três membros a ser entrevistado deveria ter cursado ou estar cursando o nível superior de escolaridade.

Nessa família, aqui identificada como “Família Campos” para preservar a identidade dos membros, a geração mais antiga, chamada de 1ª geração, é representada por um homem de 78 anos, casado, nível superior completo e sem religião definida. A segunda geração é representada por um homem de 44 anos, casado, cursando nível superior e também sem religião definida. A terceira geração é representada por um jovem de 15 anos, solteiro, cursando o nível médio e não praticante de nenhuma religião.

As entrevistas foram realizadas na residência dos membros, a partir de um agendamento prévio para incursão do investigador. Mediante a anuência dos mesmos, previamente informados, os sujeitos foram contatados e convidados a participar do estudo.

Foram requisitados alguns minutos do tempo para, individualmente, explicar-lhes sobre a atividade desenvolvida, a fim de sensibilizá-los a participar, visando: menção à instituição a qual está vinculada; explicação dos motivos da pesquisa em linguagem de senso comum, em respeito aos que não dominam os códigos das ciências sociais; justificativa da



escolha deles como entrevistados; os objetivos do estudo e todas as etapas subsequentes ao mesmo.

INSTRUMENTOS

A investigação transcorreu no interior de uma ordem de fenômenos considerados pertinentes à análise. Foi elaborado um roteiro para a entrevista dirigida, a partir de três grandes conjuntos de tópicos:

- a) Tópicos ligados aos dados de identificação dos sujeitos, como o nome, sexo, idade, estado civil, religião, endereço, nível de escolaridade e número de filhos e irmãos;
- b) Concepções sobre a família e seus membros;
- c) Tópicos mais direcionados aos papéis ocupados pelas pessoas de uma família.

Os tópicos foram formulados precisamente para ir além da espontaneidade, em direção ao que por várias vezes não é comumente dito, o que levou a uma análise temática previamente estabelecida através do roteiro.

Foram utilizados um gravador para registrar as falas, cópias do roteiro, papel, caneta e lápis.

PROCEDIMENTOS

Após o contato do pesquisador com os sujeitos convidados a participar da pesquisa, conforme descrito no item “Local e participantes”, suas respectivas anuências e assinaturas do Termos de Consentimento Livre Esclarecidos, iniciou-se a coleta dos dados.

ANÁLISE DOS DADOS

A análise dos dados referenciou-se no procedimento da pesquisa, como um instante em que se realiza a análise do discurso. A fala do sujeito é considerada objeto de interpretação e



sua narrativa implica em uma prática discursiva, já que a realidade se constitui a partir das interações entre os sentidos localizados e produzidos em seu cotidiano.

Após transcrição das falas, os relatos foram qualitativamente analisados conforme Biasoli-Alves e Dias-da-Silva (1992).

RESULTADOS

I CONCEPÇÕES SOBRE FAMÍLIA E SEUS MEMBROS

a) Representações de família nas 3 gerações

A primeira geração representa a família como um conglomerado, uma teia de relações, pessoas que se unem por afinidades, independente de consanguinidade: “*Um agrupamento de pessoas com afinidades, objetivos, princípios. Pra mim família é esse conglomerado.*” Essa concepção foi justificada pela formação recebida, por experiência de vida e os modelos com os quais conviveu.

A segunda geração representa a família como base, como acolhimento: “*... aquela coisa de você chegar em casa, depois de um dia de trabalho, e se sentir acolhido por todos... família é a base sólida de todo mundo.*” Mas, ao longo da pesquisa, também acrescentou a noção de teia de relações: “*...emaranhado de ligações afetivas; uma grande rede de afetividade. Isso porque hoje eu tenho uma família, aí tem fulano que conhece cicrano e aí forma-se uma grande rede de relacionamento afetivo, uma nova teia afetiva.*” Tal percepção é baseada em experiência própria e nos valores transmitidos de forma intergeracional: “*É aquela coisa incondicional... É uma coisa que a gente aprende desde criança. Vem de berço. A gente vê o exemplo de nossos pais e é aquela coisa gostosa de se confraternizar.*”

Para a terceira geração a família ultrapassa os laços de consanguinidade: “*Um grupo de pessoas que é mais além aos laços sanguíneos, mas que sei lá, compartilham as mesmas coisas, compartilham também a confraternização de um grupo.*” Isso se justifica por experiência própria do entrevistado que afirma nunca ter visto família de outra forma.



b) Componentes da família

Na primeira geração a definição dos membros da família envolve a família extensa mais os amigos: “... *alguns parentes, mesmo tendo nascido de outros pais, eu considero...*”. O entrevistado considera os valores e princípios em comum como critérios de inclusão de membros na família: “*Os princípios dessas pessoas, que se encaixam, principalmente se não há interesse econômico nem sexual, que são os dois fatores de maior desagregação.*” No que diz respeito à residência, o entrevistado dessa geração revela residir apenas com a esposa, por estarem vivendo a fase do ciclo vital do ninho vazio.

A segunda geração, assim como a terceira, também define família incluindo a família extensa e ampliada, estabelecendo como critério as primeiras lembranças que vêm à mente, além do sentimento de lealdade e apoio incondicional, que independe de laços consanguíneos: “*é muito baseado nos valores porque também tem aqueles que não são da família, são amigos, mas que são como se fossem da família.*” Além da família nuclear, incluem como resposta a empregada doméstica e os dois cachorros, para definir quem reside com eles.

II PAPÉIS OCUPADOS PELAS PESSOAS DE UMA FAMÍLIA

a) Concepção de mãe

Inicialmente, para o representante da primeira geração, ser mãe, está associado à função biológica da procriação, justificando que “*ninguém nasce ser de uma mãe.*” Acrescenta, ainda, que vai “*além de ser a fabricante, tem que ser a formadora de personalidade, porque é com a mãe que o filho vive mais e os princípios das pessoas são formados desde os primeiros momentos de vida externa*”.

Na segunda geração, aparece a característica de proteção e o sentimento de amor incondicional. “*Mãe é a grande protetora dos filhos; é aquela que protege os filhos, que cuida dos filhos, em qualquer situação. É uma coisa que já desde quando a mulher engravida, ela já tem aquele amor incondicional pelos filhos e ela carrega para o resto da vida. Não importa a idade, prá mãe o filho vai ser sempre uma eterna criança. Eu acho que o papel da mãe é esse: cuidar e proteger o filho.*”

Já a terceira geração concebe a mãe a partir de uma relação mais horizontal, onde se fazem presentes sentimentos de amor, amizade, cumplicidade, afirmando que é “*como se fosse*



sua primeira amiga, [...] que te dá aquele amor: o maior amor fraternal é o dela e também ela é que aguenta o tranco na hora do nascimento; ela é quem aguenta a dor”.

b) Concepção de pai

Para a primeira geração, ser pai, além de “*ser companheiro, ser professor, ser ajudante, ser auxiliar*” é, também, aquele que tem como função “*vigiar*”.

A segunda apresenta a figura paterna como aquela que é responsável em “*dar exemplo*” e assim é quem ensina a como “*caminhar na vida corretamente, e ser uma pessoa digna, honesta. Pai é o exemplo*”.

A terceira geração atribui ao pai a função de liderança, para ele, “*o pai é um líder da família*”.

Aqui encontramos uma tendência conservadora da representação de pai que se sofisticava na terceira geração o que sugere, como afirma Arriagada (2000) que um declínio do modelo patriarcal de família.

c) Concepção de avó

A primeira geração percebe a avó como uma segunda mãe embora admita que assim como o avô, são aqueles que “*deseducam*”, nas suas palavras: “*Pai educa; avô e avó deseduca*”.

A segunda geração também percebe a avó como uma mãe, mas aquela “*que deixa os filhos fazerem as travessuras*”, sugerindo assim ser uma função mais relaxada de exercer.

Para a terceira geração a avó aparece como “*uma pessoa divertida*”, mais disponível para acompanhar os netos. Afirmando que, “*minha vó tem menos problema; minha vó gosta de sair mais*”.

d) Concepção de avô

Baseado na própria experiência e como vem se comportando, a concepção de avô para a primeira geração compreende aquele que “*é bagunceiro*”, bem como aquele que consegue ver além do que os pais veem podendo orienta-los no acompanhamento dos filhos.

A segunda geração baseia-se no modelo de seu avô definindo que este é um papel de possibilidade de expressão de afeto e carinho.



Também tomando como referencia a experiência vivida com seu avô, a terceira geração concebe que ser avó vai além do fato de ser o pai do seu pai, é um amigo, alguém com quem gosta de conversar, com quem se diverte, por quem tem afeto: *“É mais do que o pai do meu pai, mas pode ser um amigo também. Eu converso muito com meu avô; eu gosto das conversas que eu tenho com ele... sei lá, às vezes a gente faz algo engraçado, eu faço um apelido para ele, ele faz um apelido para mim, mas, sei lá, eu gosto dele.”*

e) Concepção de irmã

A primeira geração, justificando com exemplos de sua experiência, acredita que é uma relação que não depende de laços consanguíneos, admitindo que não ter *“um conceito de irmã”*.

A segunda geração, porém, com concebe irmã como amiga, presente em qualquer situação. Como *“um forte elo de ligação entre todos.”*

Já a terceira geração, contempla aspectos que incluem além da amizade, a rivalidade, a solidariedade, a brincadeira.

“Irmã é como aquela pessoa amiga, e aquela pessoa também que enche o saco, ao mesmo tempo. Aquela que você faz uma brincadeira pra tirar ela do sério e ela xinga, entre aspas, de uma maneira divertida; eu penso que às vezes você pode contar com ela às vezes”.

f) Concepção de irmão

A noção de irmão para a primeira geração é semelhante aquela que expressou acerca de irmã, enfatizando que é mais que um fato biológico: *“eu me agreguei mais aos irmãos não biológicos”*. O mesmo revela ter mais intimidade com aqueles que ele adotou como irmãos de consideração, justificando que *“nunca existiu dinheiro na relação da gente”*, o que leva a crer que tenha havido dificuldades de relacionamento com os irmãos biológicos por questões financeiras.

Para a segunda geração o conceito de irmão assemelha-se ao de irmã, em que predomina a amizade e a companhia, porém, *“um pouco mais distante”*; *“um amigo não tão presente como a irmã”*. Ele ressalta também a importância de encontrar no irmão a possibilidade de ajuda nos momentos difíceis: *“quando a gente se fala um liga pro outro de vez em quando, quando algum precisa do outro procura sempre se ajudar...”*. Uma relação onde o afeto se faz presente e alguém com quem se pode contar para ajuda.



Na terceira geração o entrevistado, por declarar não ter irmão, apenas irmã, responde hipotetizando, destacando uma relação de amizade e companhia: “...acho que talvez se eu tivesse irmão eu penso que seria mais fácil porque de garoto para garoto às vezes você entende mais, o que ele tá pensando, o que ele tá querendo dizer; as dificuldades. Talvez fosse uma dificuldade a menos”.

g) Concepção de esposa

Para a primeira geração a concepção de esposa envolve inicialmente uma brincadeirinha em que ele revela “esposa é a mulher aporrinha o marido 24 horas por dia, com exceção de quando ele está dormindo (risos)”, mas depois retoma com seriedade à pergunta, trazendo o papel de cuidadora; educadora; orientadora; disciplinadora e líder: “... é tudo; tem certas horas que é até pai e mãe, porque é quem tá junto, no dia-a-dia; é quem toma a iniciativa”; “tem certas horas que a mulher age como homem... tem certas horas que é ela quem rege a família, na formação, na educação, na solução dos problemas, às vezes o marido está mais ausente da casa...”. Essa concepção está muito voltada no exemplo que ele tem da mulher dele, principalmente quando acrescenta que a postura da esposa moderna tem levado a “uma desagregação da família”: “hoje em dia não que eu vejo aqui em Salvador e em outros estados, têm mulheres saindo das atividades de casa para atividades diversas, mas aí eu considero isso desagregação da família porque a família vai perdendo o ponto de referência porque, ao meu ver, a mulher é o ponto de referência da família; é quem comanda!”.

Para a segunda geração esposa e esposo têm o mesmo papel, mas destaca a função de dar amor e carinho como funções principais da esposa, além do cuidar e ser amiga e companheira: “... esposa eu acho que é o carinho, o amor, o aconchego, chegar em casa e se sentir acolhido”, e justifica ter respondido a partir da experiência própria: “eu, como marido, vou tentar responder o que é ser esposa”.

Para a terceira geração, foi extremamente complicado responder a esta questão: “Puuuuxaaaa, talvez se eu trabalhasse em teatro seria mais fácil responder isso aqui...”, mas o mesmo pensa na experiência de esposa que sua mãe é em casa e atribui à esposa a função de compartilhar com o marido as experiências da vida, cuidando da preservação de sua individualidade, sem, contudo, contrapor a conjugalidade, expressando que “Quando uma mulher vai ser esposa, ao mesmo tempo que ela vai seguir o marido ela deve ter também o



pensamento contrário ao dele.” Justificando a importância de que a esposa tenha sua própria opinião para ser respeitada: “Às vezes mostrar que ele está errado, porque não existe a esposa estar sempre certa de tudo ou o marido estar sempre certo...”.

h) Concepção de esposo

A primeira geração reage a esta indagação com um ar de gozação que oscila entre conteúdos sérios: *“Marido é o cara que só faz aporrinhar a mulher, atrapalhar, exigir, cobrar. (risos) Observe, no contexto geral, o cara sai para jogar bola, para ir para praia, para beber, mas quando chega em casa é com a mulher o ponto de referência dele. É com a mulher que ele descarrega às vezes as coisas que trás de lá; o cansaço; as aporrinhações; as desavenças. A mulher é o pára-choque do caminhão e o homem é só o caminhão, sem freio! É só o caminhão, sem freios!”*. Para ele a referência do esposo é a esposa.

A segunda geração relaciona esposo com a atenção e comando: *“é aquela pessoa que deve dar atenção à esposa, procurar ver na família o que tá precisando pra tentar colocar as coisas no eixo”*. Por experiência própria, ressalta a importância disso: *“A grande reclamação das esposas que eu vejo por aí é a atenção que às vezes o marido não dá adequadamente, então, o grande papel do marido é dar atenção à sua esposa, saber ouvir. Certo? Isso eu sei porque eu sou cobrado em relação a isso... O marido tem o papel de, digamos assim, direcionar qual o caminho que a família vai trafegar”*.

A terceira geração evidencia aspectos relacionados à importância da igualdade entre os pares, mas destaca o papel da liderança: *“é quase o mesmo patamar que a esposa, quase a mesma função(...) só que ele tem que se mostrar líder, às vezes, e às vezes ele tem que ouvir o que a esposa diz...”*, e justifica que *“num grupo o líder não vai conseguir se dar bem se ele só ficar mandando... ele deve mostrar sua liderança, mas tem que ouvir o que ela acha melhor para a família”*.

DISCUSSÃO

Os resultados revelam a transmissão intergeracional de valores e crenças a respeito da concepção de família e da percepção dos papéis que cada membro desempenha. A formação



recebida, as experiências de vida e os modelos com os quais conviveram sustentam as concepções dos sujeitos da pesquisa acerca dos papéis desempenhados na família, revelando as diversas aproximações na forma de viver e de pensar a família.

As três gerações representam a família como base, foco de acolhimento, que ultrapassa os laços de consanguinidade, como resume o sujeito da segunda geração: “emaranhado de ligações afetivas; uma grande rede de afetividade”.

Todos os sujeitos da pesquisa definem a família a partir da família extensa mais os amigos, chegando à ampliada, à medida que os cachorros e a empregada doméstica não foram esquecidos. A rede de apoio diante das adversidades sustenta a definição desses membros, seguindo o pensamento de independência quanto aos laços sanguíneos.

Apesar de pertencerem à mesma família, as três gerações apresentaram diferentes concepções acerca do papel de mãe. O sujeito da primeira geração associa o papel de mãe à função biológica, de procriação, e à responsabilidade de formar e educar os filhos desde os primeiros instantes de vida; o da segunda geração atribui à mãe o sentimento de amor incondicional e o da terceira geração já faz uma associação à mãe-amiga, o que revela o modo contemporâneo de sentir e pensar o papel da mãe.

O papel de pai também se modifica ao longo das gerações. A primeira geração considera o pai um companheiro, um professor, um ajudante, que tem a função de vigiar o filho. A segunda geração atribui ao pai a condição de modelo a ser seguido e do qual dependem os valores dos filhos. A terceira geração concebe o pai como um líder. Isso revela diferentes formas de pensar que se assemelham quanto a garantia de um lugar de destaque para este pai na família.

A concepção de avó está intimamente ligada à concepção de mãe, para as três gerações, que também comparam, de forma espontânea, a postura das avós aos perfis dos avôs. Entram num consenso entre si e reafirmam um conhecimento do senso comum de que o papel dos avós é de deseducar os netos. Nota-se que quanto mais jovens as gerações, mais as concepções de avó tornam-se próximas de um perfil de maior disponibilidade e aproximação com os netos.

O papel de avô, para a geração mais velha, foi definido a partir da sua própria postura neste papel, no qual consegue orientar os filhos na educação dos netos, diferente da concepção que a segunda geração tem de avô como expressão de afeto e carinho e que a terceira tem de



referência de amizade, que coincide com a concepção contemporânea atribuída aos membros familiares, de maior oportunidade de trocas e de afetividade. Isto revela o quanto tem se modificado a possibilidade de inter-relação entre membros de diferentes gerações. A noção de sabedoria e respeito, comum aos membros mais antigos, vai sendo substituída por reconhecimento de possibilidade de troca e companheirismo, selada em relações sinceras de amizade, que terminam aproximando as gerações e possibilitando uma re-apresentação de funções na família. Nesse caso, o avô que conduz e educa se modifica para o avô que expressa amor e brinca, sabe ouvir, dá colo e troca confidências.

A definição do papel de irmã é trazida pelo sujeito da primeira geração com dificuldade, ressaltando a amizade como elo mais forte entre irmãos, e que independe de laços consanguíneos. O sujeito da segunda geração também reforça a amizade como algo importante nessa relação e atribuindo à irmã a responsabilidade por manter a união dos outros membros da família. A terceira geração acrescenta aspectos como rivalidade, solidariedade e brincadeiras no conceito que tem de irmã, que demonstra o quanto esse conceito se modifica a depender do quão próximo estamos do convívio com este membro. Esta geração é a única que ainda não formou sua família extensa e que reside com a irmã na mesma casa, ambos solteiros.

Ao serem estimulados a pensar acerca do papel do irmão, foi inevitável a aproximação do conceito que revelaram sobre a irmã. Inicialmente, os entrevistados tentavam responder a esta questão como se já tivessem esgotados todas as informações quando responderam sobre o papel da irmã, porém, após refletirem sobre o irmão, as respostas demonstravam que, apesar de pensarem ter o mesmo conceito entre irmãos, o conteúdo trazido sobre o irmão era sentido e expressado de forma diferente, revelando estratégias definidas pelos mesmos para conviverem com este papel, do mesmo sexo que eles, e filhos dos mesmos pais.

O sujeito da primeira geração confessa ter se agregado a outras pessoas como irmãos, de origem biológica distinta, revelando ter maior intimidade com estes do que com os próprios irmãos, sugerindo que entre eles existiu uma distância por razões financeiras, não especificadas; o entrevistado da segunda geração relata um maior distanciamento entre ele e o único irmão, em comparação com a relação com sua única irmã, assumindo se falarem apenas às vezes e puder contar com sua cumplicidade nos momentos mais difíceis; o sujeito da terceira geração só consegue se expressar quanto ao papel de irmão a partir de uma hipótese de que seria mais compreendido se tivesse um irmão, já que também só teve uma única irmã.



A reflexão sobre o papel de esposa fez com que os sujeitos da primeira e da segunda geração, que desempenham o papel de esposos, ficassem à vontade para responder com humor à questão, trazendo à tona a postura de cobrança que geralmente o senso comum atribui a este papel. A geração mais velha chamou atenção para os rumos que os hábitos da mulher moderna estão levando a família, considerados por ele motivo de desagregação da família. O sujeito da segunda geração ainda atribui à esposa a função do cuidar, como seu pai comentou com saudosismo, mas, para o sujeito da terceira geração, que é solteiro, a preocupação estava em indicar a importância de a esposa defender suas opiniões, equilibrando a satisfação dos desejos do esposo com aquilo que também a satisfaça.

Quando a questão versava sobre a concepção de esposo, a esposa serviu como referência para a primeira geração, como se fosse, para ele, impossível pensar em um papel sem o outro. Interessante que a primeira e a segunda geração usaram uma metáfora de trânsito para ilustrar a relação entre esposo e esposa: “*A mulher é o pára-choque do caminhão e o homem é só o caminhão, sem freio*”; “*O marido tem o papel de, digamos assim, direcionar qual o caminho que a família vai trafegar*”, porém, apesar de pensar em comando, em guiar, a primeira geração, até pela idade, deixa como responsável a esposa pelo direcionamento, enquanto que a segunda geração reforça este lugar do masculino na trajetória da relação. A terceira geração diferencia o esposo e a esposa a partir da liderança participativa, mais uma vez situando a necessidade da esposa ser escutada pelo marido, assim como relatou ao comentar sobre sua percepção de pai e mãe.

De forma geral, os papéis são concebidos a partir de uma distinção discreta entre os gêneros: feminino (mãe, avó, irmã e esposa) e masculino (pai, avô, irmão e esposo), em que se percebe um reforço do papel feminino de cuidar, oferecer mais amparo emocional e estar à mercê de um direcionamento do masculino, a quem cabe agir, liderar, vigiar, e que se dilui na terceira geração, que começa a dar voz à mulher; a trazê-la para a família com um membro também capaz de decidir e guiar, tanto como o masculino.

Estes foram alguns aspectos provenientes da análise das concepções sobre família por três gerações de classe média do sexo masculino, que, quando observados num contexto e momento sócio-histórico-cultural, de cada uma das gerações, ganham sentido e força. Vale ressaltar que, para auxiliar a compreensão do fenômeno, deve-se incluir sua história e sua



cultura dentro de uma dada realidade social, apreendendo os “significados” das falas e compreendendo as relações sociais entre os sujeitos, como defende Bogdan & Biklen, 1994.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ARRIAGADA, I. (2000). ¿Nuevas familias para un nuevo siglo? *Cadernos de Psicologia e Educação: Paidéia*, 18 (10),28-35.
- BIASOLI-ALVES, Z. M. M.; SIMIONATO-TOZO, S. M. P.; SAGIM, M. B. Valores e práticas – permanências e mudanças – estudo de famílias trigeracionais. *Família, saúde e desenvolvimento*, 2006; Curitiba, v. 8, n. 1, p. 26-31.
- BIASOLI-ALVES, Z. M. M; SILVA, M. H. G. F. D. *Análise qualitativa de dados de entrevista, uma proposta*. Paidéia. 1992; p. 61-69.
- BLEGER, J. *A entrevista psicológica: seu emprego no diagnóstico e na investigação*. In: Temas de Psicologia: entrevista e grupos. Trad. Rita Maria N. de Moraes, 4^a. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1989, p. 7-41.
- BOGDAN, R. e BIKLEN, S. *Investigação qualitativa em educação: uma introdução à teoria e aos métodos*. Trad. Maria João Alvarez, Sara Bahia dos Santos e Telmo Mourinho Baptista. Portugal: Porto Editora, 1994.
- CICOUREL, Aaron. V. *Discourse, organization practices, and interpersonal networks*. San Diego University: California Press, 1990.
- MINAYO, M.C.S. *Pesquisa Social; teoria, método e criatividade*. Petrópolis: Vozes, 1993.
- PETRINI, João Carlos. *A relação nupcial no contexto das mudanças familiares*. In: JACQUER, Christine e COSTA, Livia Fialho (Organizadoras) *Família em mudança*. São Paulo: Companhia Ilimitada. 2004.
- PETRINI, João Carlos. *Notas para uma antropologia da família*. Pós-modernidade e família: itinerário de compreensão. Bauru: EDUSC, 2003. (Arquivo digital fornecido pelo autor em aula)
- PIERRON, Jean-Phillippe. *Le climat familial: une poétique de la familia*. Paris: Edus du Cerf. 2009.
- YIN, R. K. *Estudo de caso: planejamento e métodos*. Porto Alegre: Bookman, 2010.